

C

CULTURA

CORREIO BRASILENSE

Brasília, domingo, 19 de fevereiro de 2006  
 Editora: Clara Arreguy // clara.arreguy@correioweb.com.br  
 Subeditores: Célia Curto, Mariana Ceratti,  
 Natal Eustáquio, Sérgio Maggio e Teresa Albuquerque  
 cultura@correioweb.com.br  
 3214 1178 • 3214 1179

SEM TEMOR  
E SEM TABUSJOVENS ARTISTAS  
DESTACAM-SE NO MERCADO  
DE BRASÍLIA, COM PINTURAS  
DE TEMÁTICA FIGURATIVA

NAHIMA MACIEL

DA EQUIPE DO CORREIO

Os tempos são de liberdade e poucas amarras. Se antes as correntes artísticas eram bem definidas em movimentos que contaminavam toda a produção de uma época, hoje faz pouco sentido falar em tendências. Talvez por isso não causem estranheza os caminhos trilhados pelos jovens pintores brasilienses. Enquanto a arte contemporânea esbanja propostas conceituais e muita subjetividade, a pintura produzida por essa geração, cuja idade não ultrapassa os 27 anos, está carregada de figuração. "Isso reflete um pouco do pastiche da pós-modernidade", acredita Gê Orthof, artista plástico e professor do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IDA/UnB). "As pessoas não têm pudor de misturar coisas que eram tabus. E essa geração é fruto de um mundo de quadinhos e de abundância imagética. Tudo parece transitar mais livremente que em gerações anteriores."

Em comum, além da opção figurativa, essa geração tem a UnB e o fato de ter aterrissado na pintura muito jovem. Há milhares de anos, cavaletes e pincéis são personagens constantes na história da arte. Independentemente de tendências e movimentos, a vida da pintura é perene. E mais: quando aparece na trajetória de um pintor, raramente é por acaso ou em consequência de pesquisas e investigações. Tinta e pincel se instalam em tenra idade e costumam ficar para sempre seus amantes. "A pintura é uma especificidade da arte muito complexa e sofre o peso da tradição. E a tradição pode ser vista como algo que liberta o artista, mas para isso ele precisa ter conhecimento. E vejo isso nesses jovens pintores", constata Sérgio Rizo, professor de pintura no IDA/UnB.

As inquietações comuns são muitas, mas prevalecem a dificuldade de mostrar os trabalhos e a ansiedade em encontrar boa recepção em cenário dominado por instalações, vídeo e fotografia. Alguns encontram soluções criativas em espaços alternativos. Alice Maria fez parte do Asterisco, grupo que resolveu expor em casa em vez de esperar pauta em galerias e centros culturais. Thaís Catunda escolheu o gramado da UnB para mostrar suas experiências com tinta congelada. Taigo Meireles, Moisés Alves e Clarice Gonçalves criaram o Ateliê Davinciano, espaço para pintar, mostrar e refletir sobre a pintura. "Eles também têm uma tendência para a construção de linguagens. E é freqüente entre eles a persistência da palavra, do conteúdo verbal, do elemento descritivo e não-cognitivo. Além de serem muito jovens, eles têm mais clareza sobre o universo que estão tateando. São mais assertivos", resume o pintor Ralph Gehre, observador das novas gerações. Veja a seguir quem são os artistas que estão fazendo a nova pintura brasiliense.

LEIA MAIS SOBRE PINTORES NA  
PÁGINA 2

## TAIGO MEIRELES

A quantidade de imagens disponíveis em todos os momentos do cotidiano motiva o olhar de Taigo. Pode ser a televisão, o cinema, o outdoor, a internet ou qualquer outro suporte. A abundância contaminou o artista de 22 anos, aluno da UnB e inquieto para absorver o universo imagético que o cerca. "Minha pintura passa por essa transformação, do olhar de um pintor que não é um pintor do século 19, que não é ingênuo, que tem todo dia um outdoor à sua frente. Trago as questões tradicionais da pintura para esse olhar contemporâneo", conta. "O desenho é a base para meu trabalho, estudei desenho desde criança. Mas o que me leva a estudar arte é mesmo a pintura. No século 20, ela se distanciou de outras artes. Criei um universo particular por conta da exaustão em volta dela", acredita. O olhar condicionado e transformado pela convivência com as mídias contemporâneas é inevitável e talvez justifique a crueza realista das pinturas de Taigo. Antes de sacar o pincel, ele fotografa seus modelos e projeta o resultado na tela. "Meu grande lance, além da beleza e do silêncio, é a deformação do corpo humano através da lente", explica o artista, que só pinta figuras humanas e com tinta a óleo.



## THAÍS CATUNDA

"Tudo pode ser pintura", acredita Thaís. "As preocupações mudaram ao longo do tempo e hoje você pode tudo." Aos 24 anos, a artista anda muito preocupada com o rastro do tempo. "É um tema recorrente na minha pintura", avisa. Um pouco por isso ela resolveu explorar outras possibilidades. Anda trabalhando com blocos de tinta congelada. Na última exposição, *Lilith*, realizada no ano passado, Thaís plantou meia tonelada de blocos de gelo de tinta em um gramado. Ao derreter, o material coloriu o chão. "É a obra em movimento", explica. "Tinha todo um processo de a tinta degelar a grama, absorver, queimar a grama." A artista se interessa também por outros suportes — apresentou uma instalação no Salão do late de 2005 —, mas é na pintura que encontra conforto. Nem as investigações com gelo a fizeram abandonar o espaço bidimensional da tela. Para este ano, ela prepara uma série de retratos de mulheres em formatos reduzidos. "Quero falar sobre essa relação dual homem X mulher", adianta.



## CLARICE GONÇALVES

Apesar de estudar artes na UnB, a artista avisa que é praticamente autodidata no quesito pintura. Produziu a primeira tela aos 11 anos. Não parou mais. "Também faço gravura e fotografia. Mas meu interesse maior é pela pintura. É uma coisa mais corporal e uma técnica muito complexa. É um desafio, desde a mistura das cores até a escolha da imagem, ainda mais com tanta imagem na mídia", garante. "É a pintura figurativa está voltando com força. Para mim, é mais uma necessidade que uma escolha. Talvez tenha aí algo narcísico, de estar me refletindo." Clarice tem 20 anos e há muito foca o olhar em questões de gênero. Gosta de levar para a tela suas reflexões sobre os papéis masculinos e femininos na sociedade e busca respaldo para tal na antropologia e na psicologia. Pinta, principalmente, mulheres e crianças. Não usa modelos e conta com fotografias de livros dos anos 60. "E as minhas figuras têm sempre um aspecto que causa estranhamento no público", alerta.

Fotos: Kleber Lima/CB



## MOISÉS ALVES

Os livros de anatomia guiam o trabalho de Moisés. Ele transporta para a tela os órgãos detalhadamente reproduzidos nesse tipo de literatura. É muito metódico e certo da técnica escolhida. Para conseguir a textura certa, não admite trabalhar com outro tipo de tinta que não seja a óleo. "Nenhuma outra tem o aveludado que a tinta a óleo pode dar", explica. E só a tela é capaz de receber as massas de tinta capazes de resumir a organicidade das formas. A figuração, no caso de Moisés, nem sempre é perceptível de imediato, especialmente quando o quadro traz apenas fragmentos dos órgãos. "Mas, depois, você vai fazendo as associações com o que conhece. Tem partes mais realistas e outras de pinceladas que vou colocando ao meu bel prazer", avisa. Aos 22 anos, ele faz a primeira exposição individual em março próximo, na galeria do Ministério da Cultura, e acredita que pintar quadros figurativos é exercício para destemidos. "O ser humano é guiado pela imagem e ter coragem de fazer um trabalho figurativo é assumir a importância dessa imagem", diz o artista, que aos 11 anos já manuseava tinta e pincéis.